

# O Teatro Popular interpretado por Bruno de Menezes

Ubiratan Rosário

Distinguimos mito e lenda: esta uma narrativa para ser lida. É o que diz o termo latino *legenda*. A lenda seria uma narrativa temática do mito, podendo estar nela uma história verdadeira do povo, verdade do povo: criação do mundo, criação do homem, acontecimentos que a memória mnemônica perdeu, preservados todavia na memória mítica. Recomendamos a leitura sobre mito no livro, volume I, de Junito de Souza Brandão *Mitologia Grega, Vozes, Petrópolis, 1986*.

O mito tem outras definições, não é simples lenda. Reunimos alguns pontos de vista em nosso livro *Cultura Brasileira, Cejup, 1993*, no capítulo intitulado Ideologia, Cultura e Visão de Mundo, da página 64 a 67. Disponível na Livraria Cejup em Belém, ou nas distribuidoras da editora em todo o Brasil. O rito é dramatização do mito (Brandão, op. cit.). A função do rito é a comunhão, não a informação diz Pierre Guiraud em *A Semiologia* (Editora Presença, Lisboa, 1973 p. 13). Rito e ritual são idênticos. O auto do boi, como teatro popular é um ritual digno de interpretação por parte dos estudiosos do folclore nacional, como manifestação espontânea que é da cultura brasileira, ainda que guarde origens remotas fora do país. Ainda que que ele represente “sobrevivências” totêmicas, é também expressão do meio ambiente nacional, a par da influência ecológica bem como do processo histórico de formação do povo.

Bruno de Menezes, um dos mais proeminentes membros da Comissão Paraense de Folclore, durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, no Rio de Janeiro, capital da República, apresentou e foi aprovado para publicação nos anais do conclave o seu texto “Boi-Bumbá, auto popular”, que teve a sua segunda edição lançada pela Imprensa Oficial do Pará, 1972 e recentemente ao se completar e comemorar o centenário do ilustre folclorista, republicado pela Cejup, 1993, em *Bruno de Menezes, Obras Completas, série Lendo o Pará, 14, edição especial Folclore, vol. 2*. Bruno de Menezes (1893/1963). No texto “A evolução do Boi-Bumbá como forma de teatro”, constante da sua obra citada procura projetar a função teatral do Boi-Bumbá, devendo-se recordar a imensa influência que a escola funcionalista (ver Malinowski e Radcliffe-Brown) e a corrente difusionista (Franz Boas) exerciam na época no campo dos estudos etnológicos, na década que antecede a vertigem do estruturalismo vindouro pelo pensamento teórico de Levi-Strauss, Menezes apresenta o Boi-

Bumbá do Pará como uma variante a parte dos chamados Bumba-meu-boi originários do Nordeste e que se espalhou pelo Brasil. No Nordeste ouviu-se pela primeira vez falar em “Boi”, mais ou menos a partir de 1840. Conforme as regiões brasileiras, o “Boi” foi tomando nomes diferentes tais como “Boizinho”, “Boi de Mamão”, “Boi Epitácio”, “Boi Calemba etc., numa autêntica difusão desse elemento cultural.

O Boi-Bumbá se caracteriza como um folclore junino, alhures natalino, tratando-se de um auto pastoril (teatro popular) de sobrevivências totêmicas conforme sustenta Menezes. Diz o autor: “O Boi-Bumbá é ruralista”. Tanto no Pará como no Maranhão ele tem essas características, mesclado de patriarcalismo colonial, catequese do gentio, curandeirismo africano, primitivismo agrícola, vida “chucra” nas fazendas de gado e diversões permitidas nas senzalas (Ler Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, qualquer edição). O Boi-Bumbá teria seus fundamentos tradicionais na aculturação afro-ameríndia. Um divertimento coletivo facultado pelo colonizador à escravaria e aos trabalhadores assalariados, sátira aos serviços do eito. Sua música de acompanhamento tem sempre um tom nostálgico, observa Menezes.

E o totemismo? O índio não tinha apego ao boi e evitava o negro. Entretanto, os negros Bantu estavam familiarizados com o totemismo do boi. O leitor está lembrado do que é totemismo? Recomendamos a leitura do livro de Luiz Gonzaga de Mello, *Antropologia Cultural, iniciação, teoria e temas* (3.ª ed. Vozes, Petrópolis, 1986). Durkheim vê no totemismo uma forma elementar da vida religiosa. A palavra totem deriva de língua de tribo algonkiana, dos Estados Unidos. Foi incorporada à antropologia cultural para significar um fenômeno bastante freqüente na vida religiosa dos povos de organização clânica. O fenômeno do totemismo está ligado intimamente à existência do clã. O autor Mello chama atenção, todavia: o totem não é determinado animal ou vegetal isolado, mas a espécie em questão. Em virtude da crença dos membros do clã de que eles descendem de um ancestral comum e que este é simbolizado por determinada espécie vegetal ou animal, torna-se esta o totem de todo o grupo. Assume a condição sagrada que imprime respeito e temor a todo o clã. Disso deriva toda espécie de tabu referente ao totem. Tabu? É a proibição ora de o clã alimentar-se da espécie totêmica, ora é o consumo da mesma permitido só em al-

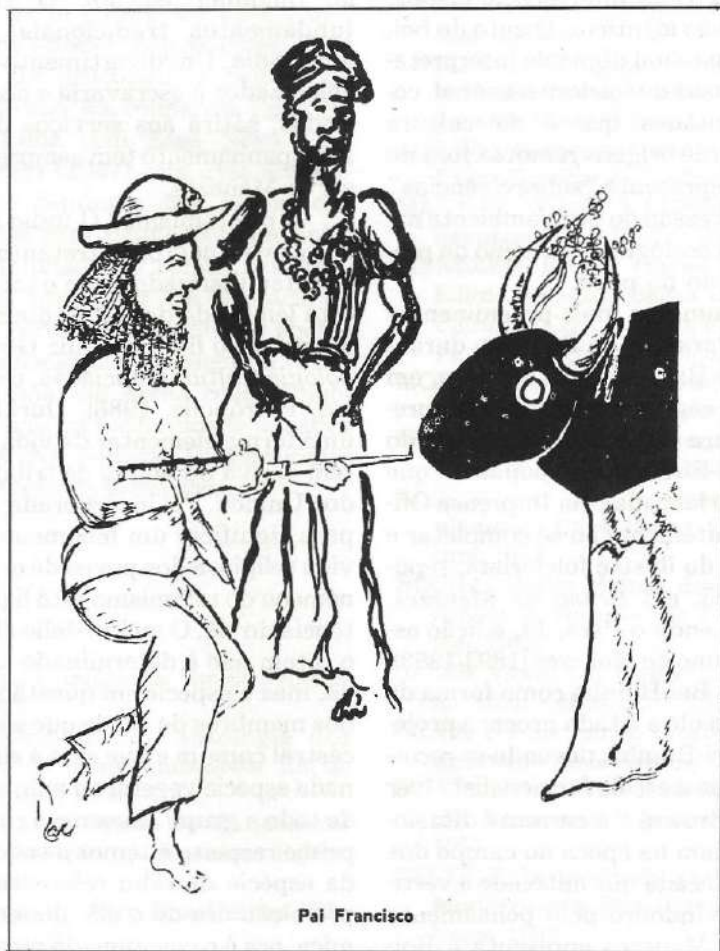
gumas ocasiões rituais e seguindo todo o cerimonial coberto de regras e procedimentos formais. Cabe, com frequência, ao grupo zelar pela espécie totêmica.

A história do Brasil informa que o gado foi introduzido primeiro em São Vicente, onde não prosperou, como também a cana-de-açúcar aí introduzida. Ambos — gado e cana — foram prosperar no Nordeste, em Pernambuco onde foram mais tarde introduzidos no governo de Duarte da Costa. Daí os ciclos “do couro” (Cf. Capistrano de Abreu) e “do açúcar” (Ver Freyre). Conforme Bruno de Menezes, dado o seu valor para o trabalho, o boi veio reviver, na latitude americana, as festas pagãs do Velho Mundo. O “boi” seria, assim, “resíduo de culturas avançadíssimas, com seus touros alados e ídolos monstruosos” comuns no Egito, Ásia, África, Oceania, onde o culto do animal totêmico era sagrado. O “boi” fazia parte, também, da literatura oral e folclórica do continente africano, recorda o autor. Era o “símbolo de fecundidade”, constituía o “ciclo e a continuidade dos bens agrários”.

O colonizador trouxera o boi do Ocidente (Velho Mundo). Mesmo subtraído brutalmente ao seu mundo físico e espiritual, o elemento africano incorporou-

lhe a mística cerimonial, o que o fez conservar-se no duro e crucial “cativeiro”. Mas o espírito totêmico do boi tem tripla origem: européia, africana e ameríndia. Com o “repartimento do boi” tem-se o “reparto totêmico” de que todos participam. Diz Menezes: “Desaparece o sentimento de culpa”, “Cessam o luto e a dor”. Permite-se-me acrescentar: inicia-se o êxtase, é concedido direito ao êxtase. O totem todo poderoso desce sobre o grupo, envolvendo-se num amplexo de proteção. Ninguém mais do que o negro oprimido e explorado tinha necessidade dos seus clãs e dos seus totens protetores, relembra o folclorista paraense. Verificamos, aí, o simbolismo africano da festa e dos cânticos do Boi Geroa, com sua “força de sobrevivências totêmicas”. Trata-se do “repartimento do Bumba-meu-boi e do boi Espácio” (acreditamos que o autor quisesse ter dito Epitácio) dos romances de vaqueiro, com o “Pai Francisco” que mata o boi e faz dele o que quer. Resta-nos agora assistir ao desenrolar do drama do Boi.

\* Ubiratan Rosário é ensaísta, antropólogo e professor da UEPA e da UFPA.



Pai Francisco